

irmãs Brontë, servindo a seus leitores pesados pratos de melodrama, sentimentalismo, suspense, coloridos efeitos teatrais, vilões sinistros e mistérios macabros, ao mesmo tempo que modernizava este material com um realismo austero e um óbvio significado moral.

Ao mesmo tempo que era a imaginação de Dickens quem criava os habitantes dos seus livros, as experiências psíquicas pessoais abasteciam essa sua imaginação. Tendo testemunhado a morte de seu pai, em circunstâncias terríveis (logo após a remoção de um rim, que foi retirado sem clorofórmio) Dickens acordou uma manhã e viu a aparição de seu pai sentada ao lado da cama. "Como ele não se movia, fiquei alarmado e coloquei minha mão sobre o seu ombro, conforme pensei; e ali não havia... nenhum ombro."

Uma experiência de *déjà vu* [já visto] ocorreu durante as viagens de Dickens na Itália. Chegando em Ferrara ele teve a mais profunda sensação de "familiaridade", de já haver estado naquele lugar antes. À medida que vagava por ali, pareceu-lhe que aquela era a mais solitária cidade que já havia atravessado, com a prisão de Tasso, as masmorras do castelo onde Parisina e seu amante haviam sido decapitados e, com as ervas daninhas subindo furtivamente os degraus dos palácios arruinados, vultos lúgubres na cidade sombria. Ele escreveu, em uma carta para casa, que se tivesse sido assassinado ali, "numa vida anterior", não poderia ter recordado os detalhes da cidade "com um esfriamento do sangue, mais enfático".

Em outro curioso caso de precognição, este envolvendo clarividência, Dickens sonhou que encontrara uma tal Srta. Napier, de quem ele nunca ouvira falar, e, exatamente no dia seguinte, foi apresentado a ela; mas deixemos Dickens descrever a experiência com suas próprias palavras: "Na semana passada, na noite de quinta-feira, estando em meu escritório eu sonhei que vi uma senhora usando um chale vermelho e com as costas voltadas para mim (que eu supus ser E.). Quando ela se virou, descobri que não a conhecia e ela disse: 'Eu sou a Srta. Napier.' Na manhã seguinte, durante todo o tempo em que me vestia eu pensava: Que coisa mais disparatada essa, de ter um sonho tão nítido, sobre nada! E por que

\* Brontë: Três irmãs, novelistas inglesas — Charlotte (1816-1855), Emily (1818-1848) e Anne (1820-1849).

Srta. Napier, uma vez que eu nunca ouvira falar de nenhuma Srta. Napier? Nessa mesma sexta-feira à noite eu fiz uma leitura. Depois que terminei, entraram, na minha sala particular, Mary Boyle, seu irmão e a dama de chale vermelho, a quem eles apresentaram como sendo a 'Srta. Napier'. Estas são todas as circunstâncias, contadas com exatidão."

Outro incidente psíquico na vida de Dickens foi registrado por seu amigo e biógrafo John Foster: "Dickens publicou, no centésimo vigésimo quinto número da revista *All the Year Round*, uma estória de fantasmas, estória esta que, antes da sua publicação, tanto o Sr. Layar como eu vimos em Dadshill e identificamos como sendo uma que fora narrada para Lord Lytton. O próprio artista [um pintor de retratos], que é o herói dessa estória (contada para Lord Lytton no dia 15 de setembro de 1861), enviou-me, por escrito, seu próprio relato de toda a experiência, tão original, tão extraordinária e tão superior à versão que eu publiquei, que todos os outros contos do mesmo gênero empalidecem diante dela... mas imagine isto: o pintor de retratos tinha-se ocupado em escrevê-la, num outro lugar e na forma de uma estória para o próximo Natal, e quando se viu antecipado na revista *All the Year Round* supôs, muito naturalmente, que ali houvera uma traição na oficina dos seus impressores. 'Em especial', dizia ele, 'de que outro modo seria possível que a data, 13 de setembro, pudesse ter sido obtida? Isto porque eu nunca falei a data, até escrevê-la.' Agora a *minha* estória NÃO TEM DATA, mas quando examinei a prova — percebendo a grande importância de ter *uma* data —, eu [Charles Dickens] escrevi, inconscientemente, a data exata na margem da prova."

Mary Hogarth, jovem cunhada de Dickens, faleceu subitamente na idade de dezessete anos. Dickens retirou um anel do dedo da moça morta e colocou-o em seu próprio dedo, onde permaneceu até sua morte. A imagem da moça apresentou-se diante dele todas as noites, durante cerca de um ano, ocorrências que ele sentiu que eram mais visões do que sonhos. Em certo momento ele se sentiu inclinado a revelá-las para sua esposa, Kate: "Não é extraordinário que os mesmos sonhos que me têm visitado constantemente, desde que a pobre Mary morreu, sigam-me por onde quer que eu vá? Depois de todas as mudanças de cenário e de toda a fadiga, tenho sonhado com ela desde que deixei nossa casa e, sem dúvida, sonharei até retornar. Eu ficaria triste se perdesse tais visões porque elas